

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE**

**OS ESPORTES COMO ESTRATÉGIA DE TRANSFORMAÇÃO DO  
ESPAÇO CARIOCA: POTENCIALIDADES E SUSTENTABILIDADES  
DE UM LEGADO ESPACIAL PARA NOVA CIDADE OLÍMPICA**

**AUTOR: FELIPE ANDRADE VILELA E SILVA**

**MONOGRAFIA SUBMETIDA À BANCA DE GRADUAÇÃO EM  
GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE  
HABILITAÇÕES BACHARELADO E LICENCIATURA**

**ORIENTADOR: AUGUSTO CÉSAR PINHEIRO DA SILVA**

**2011.2**

## RESUMO

O esporte, mais próximo do que conhecemos hoje, seria uma “invenção”, aproximadamente datada do século XVIII, no contexto de uma sociedade já permeada de valores capitalistas, portanto, influenciadas pelos princípios da competição. Os primeiros processos de industrialização em países como a Inglaterra, traziam a demanda pelo dinamismo, força e resistência da massa de trabalhadores, que usavam seus corpos para atender às necessidades de maior produção em um curto espaço de tempo.

Diante da escassez de trabalhos que avaliem a importância do esporte para produção espacial, esta monografia pretende abordar esta temática tão presente em nosso cotidiano pelo prisma das discussões atuais travadas no âmbito da geografia urbana, com contribuições valiosas de conceitos de outras sub-áreas do conhecimento geográfico e mesmo de outros campos científicos.

A crescente relevância do esporte ao longo do século XX, que vem gerando intensos fluxos de capitais e grandes transformações de paisagens urbanas, definindo estratégias de valorização do espaço por obras monumentais, além de articular redes de adeptos ao redor do mundo, promovendo o bem estar social e influenciando nos costumes das populações. Particularmente para o Rio de Janeiro, no período atual, a temática ganha ainda mais importância. A eleição da cidade como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e uma das cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol, em 2014, é propícia para se discutir a esportividade da cidade e os ganhos que a atividade esportiva e seus eventos relacionados podem gerar para vida pública do município.

A transescalaridade de um megaevento esportivo se apresenta das formas mais diversas: desde uma transformação pontual em determinado quarteirão de um bairro que remove parte de uma favela, seus moradores, com seus vínculos e territorialidades construídas, para dar lugar à nova Vila Olímpica, seus atletas-hóspedes por um mês, seu conforto de turista desejado e sua busca por medalhas; até às escalas mais abrangentes que pudermos pensar, no caso veiculação da imagem destes atletas para seu país de origem, exibindo suas medalhas e dando entrevistas em cenários de belas e modernas instalações em plena “Cidade Maravilhosa”, naquele momento extrapolada para “Cidade Esportiva”, “Cidade Olímpica”, “cosmopolita”, “global”, “do futuro”... e qualquer variação possível como sufixo para cidade do Rio de Janeiro, articulada por jornalistas de toda a parte do mundo.

O esporte pode constituir-se em um importante elemento na promoção da educação e cidadania do morador carioca. Os espaços da cidade podem ser transformados pelo fenômeno esportivo de diversas maneiras. Deste a simples construção de uma quadra poliesportiva em uma praça pública, passando pelo comportamento da sociedade influenciado pelas propagandas e jogos que podem ser acompanhados pelos meios midiáticos, pela construção de um grande estádio que poderia desempenhar a função de nova centralidade urbana, até nas políticas públicas de promoção do esporte e lazer que resgatem e fortaleçam a esportividade na cidade do Rio de Janeiro.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Esporte, megaeventos, transformações espaciais, Rio de Janeiro, legado espacial.

## Sumário:

|  |    |
|--|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....  | 5  |
| CAPÍTULO 1.....  | 8  |
| O ESPORTE E O ESPAÇO: UMA RELAÇÃO DE (CO)TRANSFORMAÇÃO?.....                             | 8  |
| <b>1.1- A “criação” dos esportes: dos jogos tradicionais ao esporte moderno.</b>         | 8  |
| <b>1.2- O esporte contemporâneo: uma nova lógica.</b>                                    | 10 |
| <b>1.3 - As grandes competições esportivas adquirem novas dimensões: os megaeventos.</b> | 11 |
| <b>1.3.1 - Copa e Olimpíada: de competições esportivas aos megaeventos.</b>              | 11 |
| <b>1.3.2 - A nova “cara” dos megaeventos: de que precisa uma cidade-sede?..</b>          | 12 |
| <b>1.3.3 - Legados: extrapolando escalas.</b>  | 13 |
| <b>1.3.4 – Megaeventos como objeto de estudo da Geografia (por que não?) ....</b>        | 14 |
| <b>1.4- Transformações espaciais urbanas no contexto dos megaeventos esportivos.</b>     | 15 |
| CAPÍTULO 2.....  | 19 |
| A RELAÇÃO CONFLITUOSA ENTRE O LEGADO ESPACIAL E A “CIDADE OLÍMPICA”:                     | 19 |
| A HERANÇA QUE FICA É SEMPRE BOA? .....   | 19 |
| CAPÍTULO 3.....  | 25 |
| O ESPORTE COMO UMA ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO: POTENCIALIDADES E SUSTENTABILIDADES.....      | 25 |
| O EXEMPLO DO INSTITUTO REAÇÃO (RJ) .....   | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 34 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....  | 37 |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um dos motivos para se debruçar na discussão espacial envolvendo o esporte é a escassez de trabalhos deste gênero na discussão geográfica, apesar da sua crescente relevância ao longo do século XX. A relação entre o esporte e a produção-(re)produção do espaço nos dias de hoje é vista como objeto do presente trabalho e se justifica como um tema relevante e propício às discussões geográficas. Essa relação pode ser observada por elementos compreendidos por nosso olhar sobre a cidade, em nosso cotidiano (espaço vivido). O esporte atualmente, em escala global, vem gerando intensos fluxos de capitais e grandes transformações de paisagens urbanas, definindo estratégias de valorização do espaço por obras monumentais, além de articular redes de adeptos ao redor do mundo, promovendo também o bem estar social e influenciando nos costumes das populações.

Particularmente para o Rio de Janeiro, no período atual, a temática ganha ainda mais importância. A eleição da cidade como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e uma das cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol, em 2014, é propícia para se discutir a esportividade da cidade e os ganhos que a atividade esportiva e seus eventos relacionados.

Faz-se interessante também focar nos esportes olímpicos, até porque eles nos oferecem uma gama de 34 modalidades (até a olimpíada de 2008, em Pequim) como universo de análise. O motivo seria o de mudar a ideia da “monocultura do futebol” que prima no Brasil e em outros países. Esses esportes, alguns já bastante conhecidos e/ou praticados pelo grande público, mas ainda marginalizado pela grande mídia, ainda não se encontram no estágio avançado de profissionalização que é visto no futebol, o que nos permite uma análise do esporte em suas diferentes formas: lazer/recreação; educação/formação; alto-rendimento...

O principal objetivo do trabalho é entender de que forma o esporte está presente e qual a sua relevância na construção/transformação do espaço carioca, além de observar as transformações nas paisagens da cidade do Rio de Janeiro que, de alguma maneira, estariam associadas ou influenciadas pelo esporte; discutir o papel da prática e do convívio esportivo na formação do cidadão carioca (refletindo na organização espacial – espaço vivido) e investigar a relevância da prática esportiva presente como forma de educação de crianças, adolescentes e jovens.

Para desenvolver este trabalho, foi traçado um caminho de pesquisa em que a investigação de experiências práticas e as reflexões teóricas com as suas necessárias adequações à realidade espacial analisada, propõem um rebatimento no âmbito do vivido. Esse caminho partiu de alguns procedimentos básicos, lidos e entendidos de forma relacionada. A primeira delas foi a revisão bibliográfica, que propiciou o necessário embasamento teórico para todo o corpo do trabalho. Trabalhamos a partir dos conceitos e noções geográficas de: *espaço* em Santos (2004a, 2004b); *escala* em Castro (2009) e Harvey (2004); além de *sustentabilidades*, baseado nas concepções de Sachs (1993, 2002), reunidas e articuladas nas reflexões de Rua *et al* (2007).

Em segundo lugar, a esta breve compreensão teórico conceitual cara à Geografia, somam-se contribuições importantes encontradas na produção realizada no âmbito da Geografia dos Esportes, pioneiramente discutida no Brasil por Mascarenhas (2007, 2008, 2009, 2011), valendo-se das bases da “disciplina” e as abordagens geográficas do fenômeno esportivo feitas por geógrafos europeus e norte-americanos, com destaque para autores como: John Bale (2003), Jean-Pierre Augustin (2004, 2007), Pascal Gillon e Loic Ravenel (2010a, 2010b) e Frédéric Grosjean (2010). Além da discussão geográfica, o crescente e cada vez mais qualificado debate interdisciplinar realizado especificamente sobre a temática dos megaeventos, no Brasil notadamente em Mascarenhas (2007, 2008, 2009, 2011), Sánchez (2009, 2011) e Vainer (2000, 2011a, 2011b), entre outros, completa um dos pilares deste trabalho.

E em terceiro lugar, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre espaço urbano e suas questões atualmente observadas neste contexto de espetacularização do esporte e preparação do Rio de Janeiro para se tornar a Cidade Olímpica da próxima década. Temas ligados ao planejamento urbano e a mudança de seus paradigmas constituem um leque de conceitos e reflexões valiosas nesta elaboração. Resumidamente, a oposição entre planejamento tradicional (físico-territorial) e planejamento estratégico (intervenções pontuais no espaço e no tempo), por meio das chamadas “cirurgias urbanas” e acompanhadas pelo pacote que inclui desde siglas da moda como os GPDU<sup>1</sup> e PPP<sup>2</sup>, muito bem trabalhados por Sánchez

---

<sup>1</sup> Grandes projetos urbanos (variação equivalente da sigla GPDU) utilizada por (NOVAIS *et al*, 2006)” (SÁNCHEZ, 2009).

(2009) e Vainer (2011b) até a privatização da imagem, das atividades e na gestão pública das cidades, apelidada de “empresariamento urbano” por Harvey (2006).

Foram utilizados também como fonte valiosa de pesquisa alguns jornais, revistas e sítios da *internet*. Destes, foram consultados algumas fontes especializadas em esportes, megaeventos esportivos, cidade e problemática urbana, além de veículos de imprensa alternativa e ONGs ligadas ao esporte como estratégia de educação e fortalecedor das práticas cidadãs. Apesar dos jornais impressos diários de grande circulação, sobretudo O Globo, além das publicações virtuais da grande imprensa escrita fluminense e revistas semanais e mensais, marcadas pela pluralidade temática e de linguagens (alternando entre o coloquial, o estilo jornalístico e ora uma linguagem mais identificada com a acadêmica, em algum artigo específico quase sempre elaborado por algum pesquisador especialista no tema tratado), também se apresentarem como fonte muito útil ao desenvolvimento desta monografia. Este uso de jornais e periódicos foi escolhido, sobretudo, com o fim de acompanhar o dinamismo das transformações que estão em curso na cidade, mudança de decisões, incorporações feitas ao planejamento original, seus impactos e a repercussão na opinião pública.

Por fim, a fase de pesquisa do presente trabalho foi concluída com algumas investigações em campo, seguidas de entrevistas e contato com materiais que puderam configurar o capítulo 3 como um estudo de caso que é o Instituto Reação, exemplo prático do esporte como estratégia de educação, suas possibilidades e limitações. No instituto, no Pólo Rocinha, foram observadas as instalações infraestruturais e realizadas entrevistas, já que é ali a principal área que abriga este projeto, que é focado na associação entre esporte e educação. As entrevistas foram realizadas com os idealizadores, coordenadores e professores do projeto, envolvidos nas diversas vertentes de atuação, em programas esportivos, educacionais e formação profissional que são oferecidas pela ONG.

---

<sup>2</sup> Parceria Público-Privada (PPP).

## CAPÍTULO 1

### O ESPORTE E O ESPAÇO: UMA RELAÇÃO DE (CO)TRANSFORMAÇÃO?

#### 1.1- A “criação” dos esportes: dos jogos tradicionais ao esporte moderno.

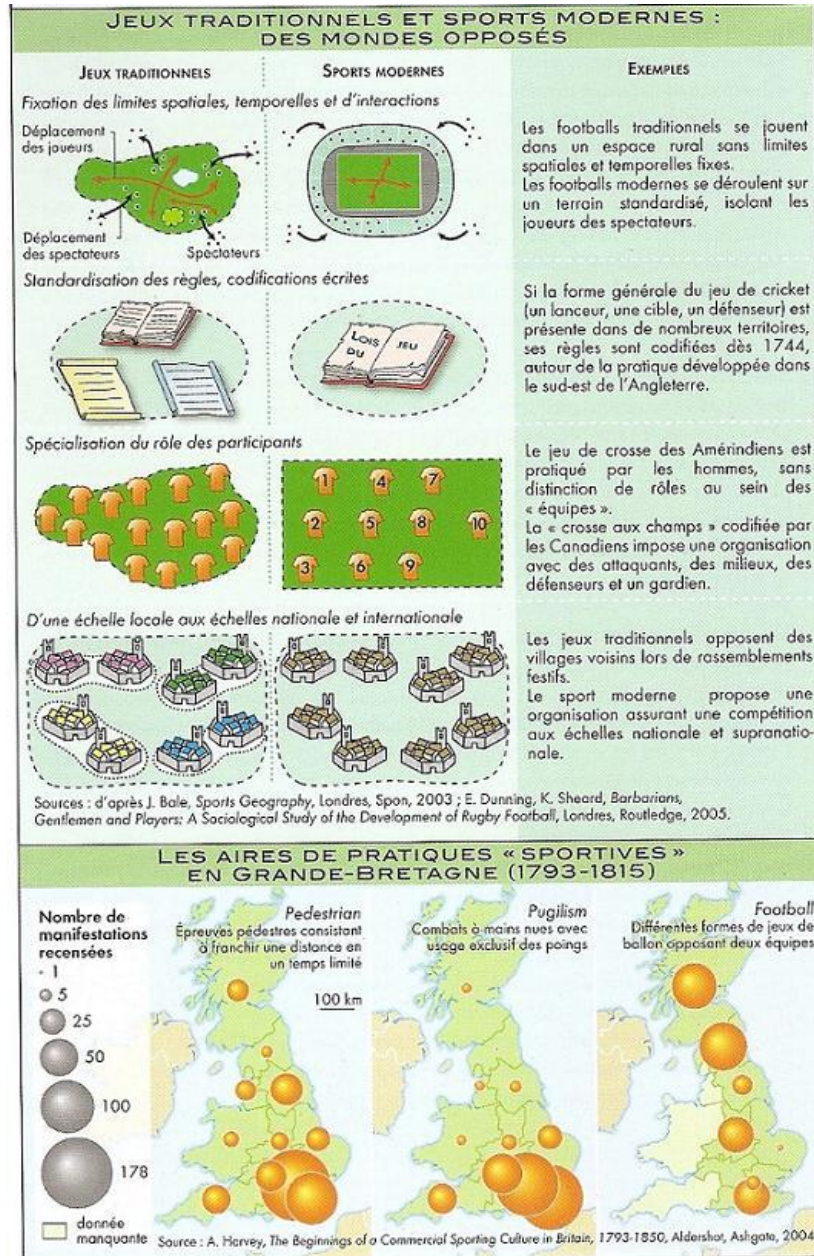
As discussões e análises acerca do esporte vêm sendo feitas ao longo da história e são encaminhadas de forma bastante distinta de acordo com o lugar e tempo em que são feitas. O debate sobre data e local de origem das práticas esportivas parece infundável e ainda sem consenso, já as apreciações do esporte entendido como fenômeno cultural relevante é trazida como elemento cada vez mais fundamental para distinguir, afirmar e definir práticas sociais espacializadas ao redor do globo.

Os jogos gregos da Antiguidade representavam bastante para aquela sociedade, sendo parte do ritual de honraria a Zeus e tendo o poder de interromper guerras entre cidades que, naquele período, passariam a confrontar suas forças por meio de seus representantes nos Jogos Olímpicos. No entanto, o esporte, mais próximo do que conhecemos hoje, seria uma “invenção”, aproximadamente datada do século XVIII, no contexto de uma sociedade já permeada de valores capitalistas, portanto, influenciadas pelos princípios da competição. Os primeiros processos de industrialização em países como a Inglaterra, traziam a demanda pelo dinamismo, força e resistência da massa de trabalhadores, que usavam seus corpos para atender às necessidades de maior produção em um curto espaço de tempo.

Resgatando as contribuições de Bale (2003) e Dunning (1979), em Gillon *et al* (2010a), podemos diferenciar o esporte moderno dos jogos tradicionais por meio comparativo das características do esporte em épocas distintas. Utilizamos a ideia de “jogos tradicionais” para nomear as atividades corporais lúdicas, rituais, festivas... praticadas de maneira particular por cada povo, territorializado em seu espaço. Por outro lado, a sistematização das práticas é a principal responsável para convencionar-se um paradigma de “esporte moderno”. As características definidoras do surgimento, em sua concepção moderna, são observadas didaticamente pela comparação deste com os “jogos tradicionais” (Figura 1), a partir de quatro pontos principais - os espaços esportivos; as regras; as equipes e a organização de competições. A seguir são destacados esses principais pontos definidores da concepção aqui adotada de surgimento do esporte, pautada na oposição entre os

jogos tradicionais e o chamado esporte moderno<sup>3</sup> apresentada na figura original abaixo:

Figura 1- Jogos tradicionais e esportes modernos: dois mundos opostos. (tradução livre)



Fonte: Gillon et al. *Atlas du sport mondial*, 2010a.

<sup>3</sup> Comparação adaptada, traduzida livremente e grifada pelo autor deste trabalho, a partir do quadro esquemático abaixo intitulado como “Figura 1 – Jogos tradicionais e esportes modernos: dois mundos opostos” retirado de Gilon et al, *Atlas du sport mondial*, 2010<sup>a</sup>.



- Os **espaços** para prática esportiva passam a ser fixos, delimitados, separam praticantes de espectadores em partidas ou jogos com tempo de duração pré-determinado.
- As **regras** oficializadas. São criados códigos escritos para cada modalidade, que passa a ser praticada com os mesmos critérios, independente da população que pratique ou da localidade que se realiza o esporte.
- As **equipes** recebem uma padronização quanto a número de membros e se determina a função de atuação de cada jogador.
- A tradicional festividade e o desafio entre vizinhos são substituídos por uma tentativa de **organização de competições** regionais, nacionais e até internacionais.

Gillon *et al* (2010a) se refere ao contexto da eclosão da revolução industrial britânica, associada à ideologia da elite política da época, como significativo fator para elevar práticas essencialmente locais, limitadas à poucas vizinhanças, em direção a uma gradual construção padronizada nacional, até sua difusão internacional.

## 1.2- O esporte contemporâneo: uma nova lógica.

As definições clássicas de esporte, como as de Gunther Lüschen, Kurt Weis e Jean-Marie Brohm, reunidas em Betti (1997) dão conta de:

uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve, com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, por uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde, sendo seu resultado determinado pela habilidade e ela estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca (prazer, autorrealização, etc.) como extrinsecamente. (BETTI, 1997, p. 3)

É notável a evolução pela qual o esporte vem passando, desde fins do século XIX. Recentemente (notadamente pós década de 1970) o esporte vem se transformando em um fenômeno cada vez mais plural. As atividades esportivas foram sendo articuladas às mais diversas dimensões: sociais, políticas, culturais, econômicas... . A consolidação e projeção do esporte também possibilitam o protagonismo deste nas articulações mencionadas ao expressar-se por meio da crescente influência que exerce no vestuário, no culto ao corpo e na postura moral de indivíduos. Compreendido como uma das mais relevantes manifestações culturais do século XX, o esporte hoje alcança um patamar plural, capaz de ser entendido como importante indústria do entretenimento, catalizador de fluxos

mundiais de capital e ideologia, sem perder o papel de promotor do fortalecimento da identidade sociocultural de povos.

Mascarenhas (2009) destaca estas importantes transformações dos esportes, capazes de configurar uma nova lógica esportiva:

Por um lado, os esportes apresentam um constante crescimento em importância política, social, e econômica, propiciando a realização de competições internacionais regulares; por outro, as entidades mundiais reguladoras vislumbraram, entre o final dos anos 70 e início de 80, a possibilidade de rentável exploração econômica destes eventos, pela crescente atração de interesses empresariais; por fim, os governos locais perceberam tais eventos como instrumento privilegiado para o exercício do *city marketing*, no contexto atual da 'guerra dos lugares', cenário global competitivo de nossos dias. (MASCARENHAS, 2009, p.533)

Tais interações (e transformações por elas geradas) ficam ainda mais claras ao observarmos o complexo funcionamento das grandes competições esportivas disputadas atualmente, elevadas a megaeventos. Os vultosos investimentos, articulações políticas, obras monumentais, cifras milionárias negociadas em contratos de patrocínio e venda de direitos televisivos envolvidos na realização dos Jogos Olímpicos, por exemplo, permite-nos olhar para o esporte como um dos principais "produtos" a serem explorados e consumidos na lógica da "sociedade de espetáculo"<sup>4</sup>.

### **1.3 - As grandes competições esportivas adquirem novas dimensões: os megaeventos.**

#### **1.3.1 - Copa e Olimpíada: de competições esportivas aos megaeventos.**

A magnitude desses eventos se expressa, cada vez mais, não só no âmbito esportivo (número de nações e atletas participantes, qualidade das instalações dos locais de treinamento e competição, aprimoramento de performances, quebra de recordes, etc), mas também na sua extrapolação em segmentos não associados ao esporte de forma direta. Dentre eles, destacam-se: o aumento progressivo do número de espectadores/consumidores; os altos valores (e crescentes, em progressão geométrica) firmados nas transações e acordos de patrocínio e direitos de transmissão, com a ampliação da participação (e da distribuição geográfica) do número de empresas detentoras dos direitos televisivos (Figura 2); as exigências rígidas das entidades organizadoras (COI - Jogos Olímpicos e FIFA - Copa do

---

<sup>4</sup> Debord, 1997.

Mundo de Futebol) para com os comitês organizadores locais; as cobranças para que os agentes públicos e privados cumpram os padrões estabelecidos para a infraestrutura de transportes, rede hoteleira, aeroportos, qualidade ambiental, etc.

**Figura 2 - A evolução dos direitos de transmissão de televisão por Jogos Olímpicos, em milhões de US\$ dólares. (tradução livre)**



Fonte: Gillon et al. Atlas du sport mondial, 2010a.

### 1.3.2 - A nova “cara” dos megaeventos: de que precisa uma cidade-sede?

Cidades-sede de competições esportivas de enorme magnitude (Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos, como exemplos mais significativos), notadamente as que realizaram tais eventos a partir da década e 1980, tiveram no planejamento das intervenções urbanísticas um foco importante. Os Jogos Olímpicos de Moscou (1980) representaram um marco na tendência de construção de enormes vilas olímpicas, sendo estes novos edifícios totalmente destinados à habitação popular, ainda no contexto da União Soviética. Doze anos mais tarde, nos Jogos de Barcelona de 1992, as intervenções urbanísticas voltaram a ser destacadas como principal área de investimento por parte do comitê realizador. As grandes “cirurgias urbanas” possibilitaram uma significativa requalificação da área portuária da capital catalã, que, além de incrementar a qualidade urbanística local, exportou um novo paradigma de modelo de cidade para o mundo.

Mais recentemente, dos Jogos de Sidney 2000 até os dias atuais – com destaque para Pequim 2008, a questão ambiental passou a ser também observada e fiscalizada de perto pelo COI, órgão responsável pela escolha de cidades-sedes dos Jogos. As Olimpíadas australianas tiveram, como sua grande bandeira, o discurso dos primeiros “jogos verdes”. Por outro lado, com base no trabalho de Mascarenhas (2008) sobre os Jogos de Pequim, os preparativos para as primeiras Olimpíadas chinesas passaram por um rígido controle do COI para que o país diminuísse seus enormes índices de poluição atmosférica até níveis mais aceitáveis. As Olimpíadas da China ficaram seriamente ameaçadas de não acontecerem, necessitando de medidas emergenciais, como: fechamento de canteiros de obra e fábricas em toda a Região Metropolitana de Pequim; rodízio na circulação de automóveis; modernos “bombardeios” de substâncias que auxiliariam a provocação de chuvas, etc, para que o Comitê Olímpico Internacional permitisse a sua realização (MASCARENHAS 2008).

Somado a esses quesitos, observamos na Copa do Mundo da Coréia do Sul e Japão em 2002 e nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 um investimento bastante expressivo na questão da segurança (certamente influenciado pela preocupação gerada pós ataque de 11 de Setembro de 2001, nos EUA).

Tais evidências nos levam a refletir que há um acúmulo de fatores preponderantes, inclusive condicionantes, para a realização de jogos da magnitude de uma Copa do Mundo e Olimpíada.

### **1.3.3 - Legados: extrapolando escalas.**

A ideia de *legado* nos justifica a premissa de que os investimentos e intervenções feitos para viabilizar um evento do porte de uma Copa do Mundo e/ou Jogos Olímpicos não devem ser pensados em uma escala espacial e temporal reduzidas, capaz de contemplar apenas as áreas de concentração dos equipamentos esportivos e o período limitado ao mês olímpico. Para isso, pensar a cidade, em sua pluralidade espacial, e ter a questão do legado (social, urbanístico/infraestrutural e ambiental) como determinante, é o que desperta o interesse de um estudo geográfico sobre os megaeventos.

Utilizando a escala pelo viés da Geografia optamos por não trabalhar com um olhar rígido e simplista. Segundo Castro (2009), trata-se de um termo polissêmico,

que deve dar conta da complexidade do espaço geográfico, assim como contemplar diferentes dimensões e medidas dos fenômenos socioespaciais. Analisar o esporte, mais especificamente os megaeventos esportivos, nos coloca diante de uma difícil delimitação espacial e também temporal a respeito do tamanho do fenômeno, evento, o que, em um primeiro momento, provoca uma insegurança metodológica. No entanto, Castro (2009) nos sugere ainda que a escala ultrapassa a ideia de projeção gráfica e deve ser pensada como uma aproximação do real. O caráter relacional e a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno que a noção de escala oferece sustentam tanto as discussões sobre os esportes, e seus megaeventos, quanto um debate sobre os impactos/legados destes nas mais diversas dimensões do espaço.

Levando em conta a contribuição de Harvey (2004) podemos, em uma análise espacial a partir de escalas particulares, revelar de imediato uma série efeitos e processos, que produzem diferenças geográficas. Estas diferenças podem ser entendidas na perspectiva do legado particular (seja positivo ou negativo, em seus diversos tipos) que cada cidade-sede de um megaevento pode experimentar. Partindo das potencialidades de cada cidade, cada diferença geográfica pode ser pensada atrelada a tipos e níveis de legados (positivos) específicos: nos modos de vida (pela frequência em jogos e eventos em um estádio, utilização do sistema de transporte e experimentando a sensação de uma maior segurança pública); nos padrões de vida (geração de renda, direta ou indiretamente, por meio de empregos associados aos eventos esportivos, incremento no turismo e do comércio local); nas relações com o ambiente (usufruindo da melhoria da qualidade ambiental na área urbana, aproveitando os espaços públicos para o lazer) e nas formas políticas e culturais (desde uma melhora na capacidade de organização social, no aumento da participação social nos processos decisórios da cidade, até o fortalecimento dos valores e sujeitos culturais genuínos de cada lugar, e porque não no fluxo cultural mais amplo que a escala de um megaevento pode catalisar).

#### **1.3.4 – Megaeventos como objeto de estudo da Geografia (por que não?)**

Uma “*Geografia do Olimpismo*” proposta por Mascarenhas (2008) pretende abordar os eventos olímpicos em sua dimensão espacial. Em outras palavras, trata-se de:

analisar como os diversos eventos olímpicos promovem alterações e impactos no território, mais precisamente na cidade-sede do evento. Mas significa também analisar outros aspectos, como os fatores preponderantes na própria escolha do local, as políticas de ajuste espacial e preparação do evento, bem como de projeção internacional da cidade-sede, e ainda, toda a dimensão simbólica que envolve identidades, representações, regionalismos e discursos de base territorial. (MASCARENHAS, 2008, p.1)

#### **1.4- Transformações espaciais urbanas no contexto dos megaeventos esportivos.**

A trajetória do esporte, aqui apresentada de forma sucinta, é marcada por significativas transformações. Desde as primeiras práticas, os chamados “jogos tradicionais”, até a sistematização e institucionalização modernas, que confeririam mais tarde a noção atual de esporte, este fenômeno começou a ser moldado. A crescente difusão e aceitação que as diversas modalidades esportivas tiveram ao longo do século XX, o crescimento das principais competições internacionais até atingirem o patamar de um megaevento, de participação e visibilidade global, dá ideia do enorme conjunto de mudanças que o esporte vem sendo capaz de sofrer e desencadear.

Se pensarmos a cidade como o espaço da organização social temos um objeto significativamente mais antigo logo passível de um acúmulo maior de mudanças históricas do que o esporte. No entanto, assim como tratamos como objeto a importância do esporte para as transformações espaciais, com o foco em um período mais recente, não nos propomos a abarcar as cidades e seu histórico de transformações neste trabalho. Sendo assim, será feito um esforço de relacionar as modificações no esporte, já desenhadas, com as transformações espaciais urbanas, no contexto dos megaeventos esportivos.

O papel do esporte como estratégia de modernização urbana, notável nos dias atuais, não se mostrou como relação óbvia nas grandes cidades do início do século XX. Os recém-retomados Jogos Olímpicos, em 1896, na Grécia (o primeiro da “Era moderna”, idealizado e realizado pelo pequeno grupo de representantes de 13 países, que se organizaram em 1894 sob o comando do Barão Pierre de Coubertin, formando o Comitê Olímpico Internacional – COI) não podiam ser chamados de “grandes eventos”, tampouco de mundiais. Prova disso foi que a realização da segunda e terceira edição dos Jogos (Paris e St. Louis, respectivamente) não passou de um pequeno evento dentro do grande calendário anual das grandes

exposições universais de 1900 e 1904 (hoje conhecidas como Expo Mundial). Mesmo no caso inglês, no contexto dos primórdios do futebol, que apesar de já organizar seus campeonatos nacionais e convocar um selecionado para disputar partidas amistosas com a vizinha Escócia, desde o final do século XIX (MASCARENHAS, 2009), não se podia ver estádios e clubes como sinônimos de progresso e modernidade. Figura 3 – A Evolução do Número de Países Participantes dos Jogos Olímpicos (1986-2008). (tradução livre)

Com a adesão de cada vez mais países às competições esportivas internacionais, se deu também o começo do investimento estatal nesses eventos como marca do uso político do esporte. O avanço nas tecnologias de comunicação também permitiu um maior alcance e velocidade na visibilidade destes certames, e, conseqüentemente, o interesse empresarial foi convertido em um veloz estabelecimento e expansão de um grande e diverso mercado esportivo. Assim sendo, o esporte extrapolou sua essência da prática para engendrar-se com força nos interesses e atividades dominantes.

A partir da análise da Figura 3, podemos observar o gráfico evolutivo do número de países participantes nos Jogos Olímpicos, desde sua primeira edição da “Era Moderna” (1896, em Atenas – Grecia) até os Jogos da XXIX Olimpíada (2008, em Pequim – China). Ademais a Figura 4 corrobora com a afirmativa referente ao crescimento do esporte como prática global cada vez mais presente. Este conjunto de imagens (Figura 4) compara a evolução do número de países participantes de Jogos Olímpicos, assim como a evolução do padrão espacial das nações competidoras, utilizando dados dos Jogos de 1912 – Estocolmo-Suécia, 1936 – Berlim-Alemanha, 1972 – Munique-Alemanha e 2008 – Pequim-China.

Figura 3 - A Evolução do Número de Países Participantes dos Jogos Olímpicos (1896-2008). (tradução livre)

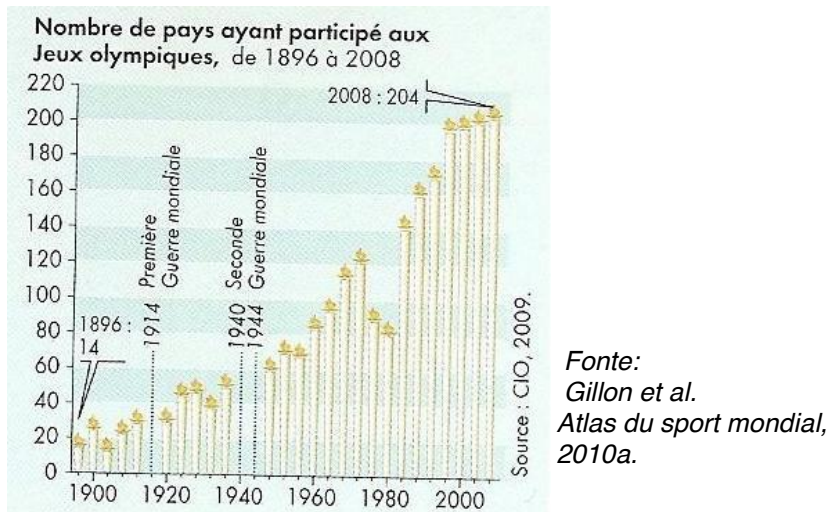
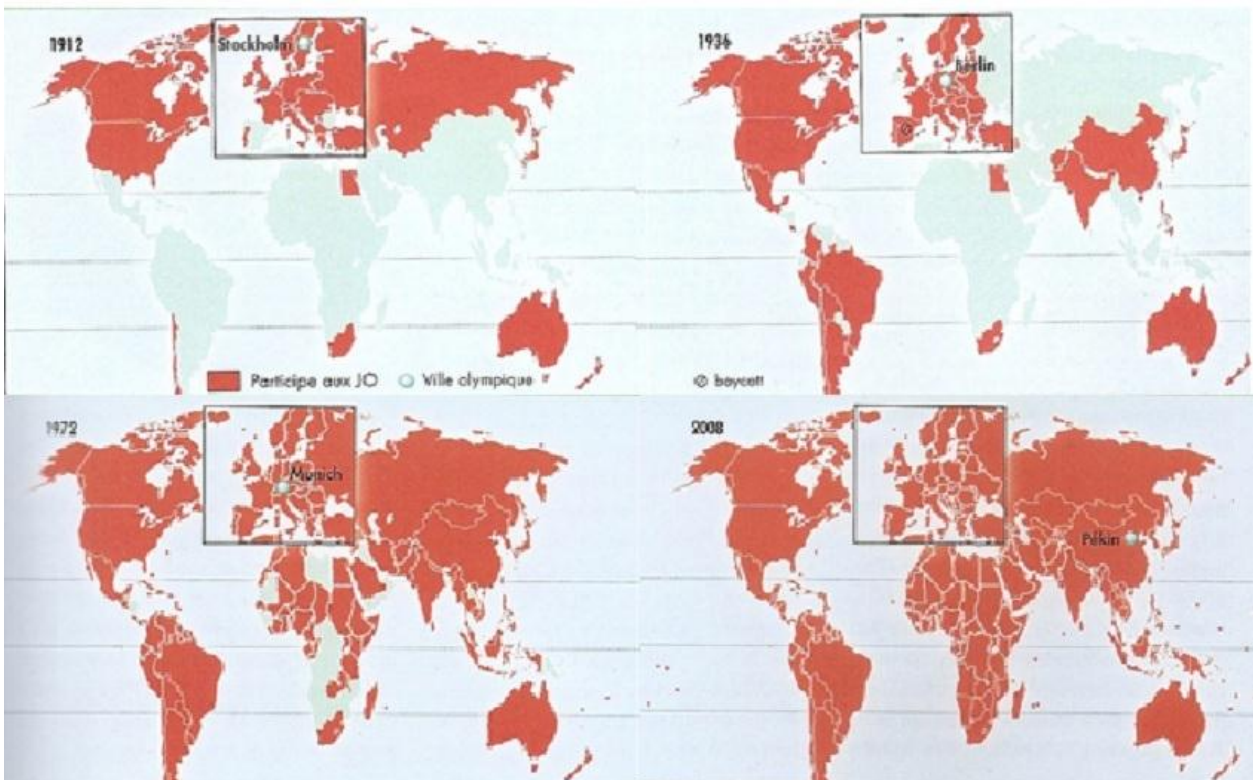


Figura 4 - A evolução na participação dos países em Jogos Olímpicos (1912, 1936, 1972 e 2008). (tradução livre)



Neste contexto, a importância do esporte na transformação dos ambientes urbanos encontra-se como um “caminho natural”. A lógica do esporte contemporâneo e a difusão de um novo modelo de planejamento e gestão das cidades formam um forte campo de interação e de influência mútua. Essa aproximação resulta em uma confluência de alterações, tanto no significado esportivo quanto urbano, exemplificados por (MASCARENHAS, 2009):



uma profunda mudança na organização das competições olímpicas, tornadas megaeventos de ampla projeção midiática, crucial envolvimento do setor privado e, portanto, com capacidade crescente de impacto urbanístico: por outro lado, resulta na incorporação do esporte (como campo portador de sentido e significados) na veiculação de uma imagem positiva da cidade que organiza tais eventos: imagem de cidade competitiva, disciplinada, saudável, vigorosa e empreendedora, pronta para competir com êxito no atual contexto de “guerra dos lugares”, pela atração de investimentos privados. (MASCARENHAS 2009, p.532)

A mudança do paradigma de planejamento e gestão das cidades aponta para uma tendência mundial da adoção de princípios (e até “pacotes”) de pensamento e discurso de modelo de cidade, concretizadas por intervenções urbanísticas, cada vez mais, padronizadas.

O planejamento urbano mais tradicional, baseado em um pensamento de cidade integrada, mais adensada, do chamado planejamento físico-territorial (também citado comumente como *master plan*) não contempla mais a nova lógica empresarial e competitiva das cidades, e, por sua vez, também são observadas na dimensão esportiva dos megaeventos. As novas demandas e interesses dos agentes hegemônicos que planejam a, também nova, cidade precisam de um planejamento mais objetivo, pontual, estratégico.

Dialogando fortemente com Harvey (1996): Vainer (2000), Mascarenhas (2007 e 2009) e Sanchez (2009) podem elucidar essa mudança de paradigma de planejamento e gestão de cidades. O planejamento urbano tradicional (o *master plan*), de caráter mais holístico, passa a ser mundialmente substituído por um modelo novo de planejamento, justificado pelo contexto internacional na lógica empresarial competitiva.

Esse paradigma, também conhecido por ‘planejamento estratégico’, sugere a intervenção urbanística pontual, limitada no tempo e no espaço (os GPUs), e se estrutura em aberta parceria com o capital privado, pela via do ‘empresariamento urbano’ (HARVEY, 1996). Os GPUs são tratados ao mesmo tempo como processos e como produtos. Como hipótese de trabalho sustenta-se que, apoiados em formas complexas de articulação de atores públicos e privados, os GPUs contribuem para acirrar as desigualdades socioespaciais na metrópole. Operações emblemáticas, voltadas para a monumentalidade espetacular e projeção da imagem urbana, que quase sempre vem acompanhada das parcerias público-privadas, da desregulamentação jurídica e fiscal, facilitando a gradual privatização dos espaços urbanos.

## CAPÍTULO 2

### **A RELAÇÃO CONFLITUOSA ENTRE O LEGADO ESPACIAL E A “CIDADE OLÍMPICA”: A HERANÇA QUE FICA É SEMPRE BOA?**

Partindo de uma definição mais genérica do termo *legado*<sup>5</sup>, encontrada no dicionário *Michaelis* – editora Melhoramentos - de língua portuguesa (versão online), podemos eleger alguns termos e concepções para nortear esse substantivo amplamente usado ao longo de todo o presente trabalho. Sendo assim, em linhas gerais, é pertinente adotar algo como “herança”, “benefício” e/ou “aquilo que fica”. Logo, a corriqueira associação feita entre o termo *legado* e uma ideia positiva, mostra-se um caminho possível conceitualmente. No entanto, a complexidade imprimida ao termo em questão se mostra muito relevante nesta abordagem, não deixando marginal o debate sobre o *legado* como aquilo que foi “herdado”, provocando um “impacto duradouro”. Desta forma, a “positividade” do *legado* se torna relativa, perante os seguintes aspectos preponderantes e, mais ainda, ao confrontarmos às recentes experiências vivenciadas no espaço carioca como cidade-sede de megaeventos.

Diante desta breve análise do significado da palavra *legado* em seu uso habitual, lançamos mão de uma conceituação tipicamente geográfica, a escala, para melhor tratar (e explorar) nosso objeto em questão. Novamente com base em Castro (2009), entenderemos *escala* como conceito amplo e articulador de espacialidades e temporalidades. A transescalaridade de um megaevento esportivo se apresenta das formas mais diversas: desde uma transformação pontual em determinado quarteirão de um bairro que remove parte de uma favela, seus moradores, com seus vínculos e territorialidades construídas, para dar lugar à nova Vila Olímpica, seus atletas-hospedes por um mês, seu conforto de turista desejado e sua busca por medalhas; até às escalas mais abrangentes que pudermos pensar, no caso veiculação da imagem destes atletas para seu país de origem, exibindo suas medalhas e dando entrevistas em cenários de belas e modernas instalações em plena “Cidade Maravilhosa”, naquele momento extrapolada para “Cidade Esportiva”, “Cidade Olímpica”, “cosmopolita”, “global”, “do futuro”... e qualquer variação possível como

---

<sup>5</sup>**legado**<sup>1</sup> le.ga.do<sup>1</sup>sm (lat *legatu*) **1.**Disposição, a título gracioso, por via da qual uma pessoa confia a outra, em testamento, um determinado benefício, de natureza patrimonial; doação "causa-mortis". **2.**Parte da herança deixada pelo testador a quem não seja herdeiro por disposição testamentária nem fideicomissário (...)

sufixo para cidade do Rio de Janeiro, articulada por jornalistas de toda a parte do mundo.

O desafio da escala geográfica na abordagem de um megaevento se faz ainda mais valiosa e complexa ao resgatarmos o debate sobre o *legado* e toda a aparente contradição intrínseca que observamos: se o *legado* está, acima de tudo, associado àquilo que foi “herdado” pela cidade, como “aquilo que fica” para a sociedade que ali permanece e se (re)produz espacialmente mesmo pós jogos; devemos pensar (ao menos deveríamos) em intervenções bem planejadas, amplamente discutidas na sociedade, criteriosamente articulada e voltada para a melhoria dos problemas mais profundos e urgentes daquela cidade. Certo?

No entanto, novamente lançando mão do único parâmetro mais concreto que dispomos no momento: as experiências passadas de realização de Copas do Mundo de Futebol, Jogos Panamericanos e Jogos Olímpicos, no Brasil e no exterior; não são poucos os exemplos de intervenções temporárias (com duração restrita ao tempo de realização do evento, restritas à localidades específicas) divulgados nos planos e computados como legado de certo evento. O mesmo vale para o exemplo contrário, já que é fácil lembrarmos de intervenções permanentes (cuja duração ultrapassa a escala temporal e, por vezes, espacial da realização do evento), que no entanto nem sempre geram vantagens duradouras a serem usufruídas como “herança” pelos “anfitriões da festa”. Para ilustrar esta teoria de contradição embutida no discurso do *legado* de um megaevento, podemos elencar as intervenções no âmbito da segurança pública (com a presença extraordinária da Força Nacional de Segurança nas ruas), do trânsito (com chamada “linha azul” – faixa seletiva pintada no asfalto das grandes vias cariocas para melhor trânsito das delegações e disponibilidade anormal de trens modernos e equipados com ar-condicionado nos ramais da Central do Brasil, com destino ao recém-inaugurado Estádio Olímpico João Havelange, o “Engenhão”) e da ordem pública (com o embrião da política do “choque-de-ordem”, que passou a redefinir as normas da cidade formal com foco na forte repressão aos vendedores ambulantes e ao mercado informal de rua, notadamente nas imediações dos estádios), realizadas durante o período dos Jogos Panamericanos Rio 2007 e, como vimos em alguns casos, não por muito mais tempo que isso.

No que diz respeito aos preparativos para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, agora sediada no Brasil, abrangendo 12 cidades-sede, o cenário desenhado não é muito diferente do das intervenções temporárias (ou emergenciais). A escolha política de adotar o número máximo de sedes aceitas pela FIFA, logo resultando em mega-obras de construção ou de reformas de adequação em todas as 12 capitais “eleitas” para o certame, nos apresenta o inquestionável absurdo do erguimento de 4 arenas de última geração e capacidade mínima de cerca de 40 mil lugares em cidades como Brasília, Cuiabá, Manaus e Natal, usando dinheiro público e crédito concedido pelo BNDES, mesmo sem que essas unidades da federação tenham sequer um time participando da 1ª divisão (sendo DF, MT e AM sem clubes representantes também na 2ª divisão) do campeonato nacional de futebol. Por outro lado, estados tradicionalmente ligados ao futebol (como PA, GO e, recentemente, SC) não abrigaram jogos válidos pela Copa de 2014, qual seriam os critérios para estas escolhas? Como dar credibilidade a um plano de legado que ignora o encaminhamento quase que inexorável para um novo arsenal de imponentes “elefantes brancos” frutos da Copa no Brasil?

Na contramão deste contrassenso – o discurso do *legado* adotado em intervenções pontuais e efêmeras – observamos outro quadro similar, e não menos contraditório. As mudanças e alterações espaciais provocadas em função, ou motivadas por um megaevento de forma mais duradoura, obedece a premissa do legado como “aquilo que fica”, é “herdado” pela cidade e seus cidadãos... No entanto, nem sempre obedece à lógica do “ganho”, do “benefício”. Podemos explicar este caso com algumas situações concretas experimentadas em algumas sedes recentes de Jogos Olímpicos e na própria recente experiência cariocas, ao sediar o Pan de 2007 e preparar-se para abrigar os próximos mais importantes eventos mundiais.

Uma flexibilização legal<sup>6</sup> especialmente elaborada e aprovada para “viabilizar”, “agilizar”, “propiciar”... um evento ainda mais especial em determinada cidade, pode muitas vezes proporcionar transformações espaciais duradouras e até mesmo irreversíveis nos espaços urbanos. O problema, no entanto, não passa pela permanência de uma intervenção urbanística, mas a dificuldade se apresenta quando estes planos são executados sem adequação às reais necessidades

---

<sup>6</sup> Ver Vainer (2011) - Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro.

espaciais de um bairro, ou desrespeitando territorialidades e lógicas de um lugar construídas ao longo de gerações, por vezes ignorando fragilidades ambientais e sufocando manifestações culturais genuínas e arraigadas no espaço em questão.

No cenário internacional, os grandes endividamentos de Estados que se propuseram a sediar megaeventos esportivos pautados primordialmente no investimento público são exemplos de fácil lembrança e impacto devastador nas economias de países que buscaram essa estratégia. O mais notório caso de *legado* duradouro, porém negativo, causado por irresponsabilidade no gasto de recursos públicos para realização de enormes competições esportivas é o dos Jogos Olímpicos de verão do ano de 1976, realizados em Montreal, Canadá. Nesta oportunidade, o governo canadense contraiu um déficit de cerca de 2 bilhões de dólares americanos aos seus cofres, que só recentemente, na década de 2000 o país se viu livre do endividamento alcançado para viabilizar a 21ª edição dos chamados Jogos Olímpicos da Era Moderna. Este vexame econômico resistiria por quase 30 anos como o maior endividamento da história da promoção de eventos esportivos, no entanto, em 2004 o governo grego parece não ter aprendido com o erro canadense e se enroscou em um endividamento recorde para realizar uma Olimpíada histórica, marcada por todo simbolismo do olimpismo grego e também por inéditos volumes de investimento em segurança, diante de um cenário de medo e ameaças terroristas observado após os acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001, nos EUA.

Alguns intelectuais são enfáticos ao posicionarem-se sobre a existência de uma forte relação entre grande crise econômica por que passa a Grécia (e boa parte da Europa), que explodiu recentemente (2010-2011), e o endividamento contraído desde a preparação dos J.O. de Atenas, antes mesmo de 2004. A mais recente edição da Copa do Mundo de futebol, organizada pela FIFA e pela primeira vez sediada no continente africano, na África do Sul, contou também com outro ineditismo: e não estamos tratando da primeira conquista mundial da seleção espanhola de futebol, mas sim do maior endividamento já registrado na realização de uma Copa, algo em torno de 4 bilhões de dólares americanos – quantia semelhante aos mais de 3 bilhões (na mesma moeda) lucrados pela toda poderosa Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

Ao entendermos o legado computado como herança do Pan de 2007 para a cidade do Rio de Janeiro, pouco (ou nada) vemos de relevante, a não ser a reprodução do discurso batido e repetido à exaustão por líderes do poder público, empresários e grandes veículos de comunicação, algo como: *“o Pan levou a imagem do Rio para outros cantos do mundo e o sucesso do evento contribuiu para a conquista de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, é uma oportunidade única do Brasil, sobretudo o Rio, se mostrar como um espaço cosmopolita, moderno, preparado para os desafios do futuro e atrair investimentos, negócios que desenvolverão o setor de indústria, os serviços, gerará novos empregos e melhorará à qualidade de vida dos cariocas e brasileiros como um todo”*.

No entanto, de um ponto de vista mais prático (realista, na verdade), a busca por exemplos de legado positivo, desfrutável pela maioria dos cariocas, torna-se uma árdua tarefa. O desmedido e pouco transparente uso de volumosos recursos públicos para edificação de equipamentos esportivos monumentais, mas insustentáveis e concentrados em poucas áreas do espaço urbano carioca apontam para um exemplo dentre a série de impactos negativos dos Jogos Panamericanos para o Rio. A construção da Vila Panamericana para as competições de 2007 ilustram desde uma continuidade, quiçá um reforço, do processo de segregação socioespacial vigente à total desregulamentação e flexibilização de normas e cuidados ambientais entendidos como básicos para a preservação de ecossistemas frágeis (como os manguezais e restingas de todo o complexo lagunar e costeiro integrante da Baixada de Jacarepaguá) e qualidade de vida dos moradores da região. Sobre esse (não) legado do Pan 2007, mais especificamente da obra da Vila Panamericana, o geógrafo carioca Gilmar Mascarenhas, em seu artigo de 2007 “Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos-2007”, defende um dos pontos daquilo que intitula de *O Pan-2007 no Rio de Janeiro: uma geografia para poucos*:

A construção da Vila Pan-americana, na Barra da Tijuca, pela empresa Agenco, financiada com recursos públicos (do Fundo de Amparo ao Trabalhador) ilustra a natureza neoliberal do projeto: pelo critério mercadológico de escolha da localidade, pelo empreendimento privado, pelo uso de recurso público, pela tipologia arquitetônica destinada às classes média e média-alta (apartamentos de 1 a 4 quartos, com suíte, garagem etc). (MASCARENHAS, 2007, p. 6-7)

Ainda desenvolvendo a mesma ideia e sobre a passagem supracitada, o autor grifa como nota de rodapé, um valioso comentário que serviria de alerta para o fracasso ambiental-estrutural da construção da Vila Panamericana, comprovado anos depois à ponto de inviabilizar a habitação dos apartamentos, vendidos pela construtora desde antes do fim dos jogos:

No tocante à questão ambiental, a vila foi edificada em área próxima às margens da Lagoa de Jacarepaguá, sob solo predominantemente hidromórfico, isto é, com características de elevada umidade subterrânea. Por este motivo, as fundações da referida construção atingem a profundidade de quase trinta metros. Trata-se portanto de local mais adequado a usos leves, como parques, dadas suas condições naturais. O uso habitacional impôs o encarecimento da intervenção. (MASCARENHAS, 2007, p.11)

Tendo como referência o estudo acima podemos reafirmar o caráter contraditório que o termo *legado* vem sendo usado, sempre como discurso de sucesso por boa parte do poder público, empresários e imprensa do Rio de Janeiro, mas quase nunca conferindo fidelidade à definição encontrada nos dicionário sobre esta palavra. As obras de construção da Vila Panamericana, assim como novos parques e arenas também erguidas na Baixada de Jacarepaguá para o mesmo evento, apresentam até hoje, impactos perturbadores, das mais diferentes naturezas. Impactos possibilitados pelo discurso pró-“Cidade Olímpica” e todo o pacote de desregulações e flexibilizações de leis, referendadas e quase que tomadas como regra a partir do início da primeira metade da década de 1990, culminando no dia 11 de Setembro de 1995, com a homologação do documento final do *Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro* (PECRJ), pelo Conselho da Cidade, quando o município ainda era governado pelo Prefeito César Maia (1993 - 1997), posteriormente eleito e reeleito no período (2001 - 2009) – quando o Brasil ganhou o direito de sediar a Copa do Mundo de Futebol marcada para 2014, em 2007, além de realização dos Jogos Panamericanos do mesmo ano na capital carioca, e o direito conquistado de realizar os Jogos Olímpicos de 2016 na mesma cidade (adquiridos em 2009, com o ineditismo de realizar a primeira Olimpíada na América Latina).

## CAPÍTULO 3

### **O ESPORTE COMO UMA ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO: POTENCIALIDADES E SUSTENTABILIDADES.**

#### **O EXEMPLO DO INSTITUTO REAÇÃO (RJ)**

O esporte nos dias de hoje sofre influência (e influencia) das mais diversas atividades (econômica, política, sociais, pedagógica), no entanto, pode ser visto como capaz de produzir uma lógica particular, estabelecer mercado e calendário próprios. O esporte na atualidade é entendido como uma das mais importantes manifestações culturais do século XX, como defende Melo e Del Priore (2009), e passa a extrapolar suas questões clássicas e mais particulares, ligadas: às regras do jogo; ao espaço para a prática (campos, quadras, pistas, piscinas, etc); às questões relativas a federações, confederações e ligas que organizam competições das diversas modalidades esportivas; o treinamento, aprimoramento e a eterna busca por melhoria de performances dos atletas.

Apesar das muitas transformações que o esporte vem passando, se tomarmos como parâmetro somente a concepção de “esporte moderno”, ou seja, em um período de cerca de 200 anos, este ainda preserva alguns valores e discursos bastante conservados, como: a ocupação do tempo livre (lazer), a sociabilização de grupos e a estratégia educativa/pedagógica, mesmo que, em muitos casos, esta dimensão (função social) “clássica” do esporte seja ainda associada à ordem e às diretrizes disciplinadoras. É sobre esses valores conservados e re-trabalhados do esporte que nos debruçaremos no presente capítulo.

Adotaremos um recorte temporal atual e a cidade do Rio de Janeiro, no contexto dos preparativos para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014 (07 jogos do torneio, inclusive a partida final) e os Jogos Olímpicos Rio 2016, como ambiente de análise. Será feito um esforço de contextualizar como esse papel pedagógico do esporte é entendido hoje e a partir de um estudo de caso, observar a questão central explicitada no título deste capítulo. Sentindo a necessidade de trazer uma experiência mais prática sobre este questionamento teórico, foi então pensado criteriosamente em um projeto que pudesse ser adotado como campo de observação para esta indagação.

A combinação esporte-educação não é nenhuma novidade e, cada vez mais, encontramos exemplos (bem sucedidos, ou não) de iniciativas que se apoiam nesse



“binômio” para basear trabalhos de formação. Na maioria dos casos, temos como ingredientes dessa receita um grande grupo de crianças pobres reunidas em um centro social comunitário, onde recebem oficinas e escolinhas de esportes ministradas por professores de educação física, ex-atletas, ou jovens de classe média voluntários. Geralmente os projetos são coordenados e financiados por iniciativa individual de algum dos agentes supracitados, clubes esportivos, ONGs, grandes empresas, ou poder público (em suas diferentes esferas federativas). A atuação deste último geralmente é representada pela figura da secretaria de esporte (dependendo do município ou unidade da federação – esta secretaria não é exclusivamente de esporte, podendo ser associada ao turismo, lazer, assistência social, meio ambiente, cultura, entre outras áreas).

A fórmula é conhecida, mas o “resultado” não é atrelado diretamente à composição dos ingredientes da receita tradicional, nem tampouco a uma possível variação dos ingredientes desta mesma receita. Tudo isso é necessário, mas o “modo de preparo” é talvez o mais essencial elemento para transformar em possibilidade real a tão propagada e almejada educação e cidadania por meio, ou auxílio, do esporte.

No sentido de observar uma experiência prática de uma iniciativa agregadora de esporte-educação, escolhemos o Instituto Reação, sua “história de vida”, seus atores e agentes, suas diversas áreas de atuação, e, sobretudo, sua maneira de articular o esporte com realidade espacial de seus participantes/alunos. Estas análises e relações foram possíveis a partir do acesso a informações disponibilizadas na página virtual do Instituto, consulta de material impresso sobre as oficinas pedagógicas do programa Reação Educação, observações feitas em campo no pólo Rocinha, além da realização de entrevistas com um dos sócios-fundadores do Instituto Reação e coordenador do programa Reação Escola de Judô - Eduardo Soares (anexo 1) e com a coordenadora dos programas Reação Educação e Reação Bolsa de Estudos - Sância Veloso (anexo 2).

As origens do Instituto Reação datam em agosto de 2000, quando Flávio Canto<sup>7</sup>, após ter perdido a vaga de titular para os Jogos de Sidney, passou a atuar também como professor voluntário de judô na unidade da Rocinha no grande projeto

---

<sup>7</sup> Judoca que representou o Brasil nas Olimpíadas de Atlanta 96, Atenas 2004 (conquistando a medalha de bronze), campeão dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo 2003 e eleito pelo Comitê Olímpico Brasileiro como o melhor atleta de judô do ano de 2006.

de lutas Educação Criança Futuro, criado por professor Pedro Gama Filho, um dos maiores incentivadores de Canto no esporte. Na época, o projeto tinha no apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro sua principal base de sustentação financeira. No entanto, com a eleição de Luiz Paulo Conde, após seguidos mandatos do então Prefeito Cesar Maia (1993-1996, 1997-2000), não foi feita a renovação do convênio e o projeto se extinguiu. Para manter as aulas, foi necessária a montagem de uma nova organização.

Em abril de 2003, era criado o Instituto Reação, com a articulação de 15 sócios e mais 30 colaboradores, a ONG se estabeleceu com o intuito de retomar o antigo projeto na Rocinha, e ainda se expandir. Este núcleo pioneiro, que hoje atende aproximadamente mais de 250 crianças (com perspectiva de um expressivo aumento de cobertura da população) da comunidade da Rocinha. É considerado, pelos próprios coordenadores, como o “pólo-modelo” por contemplar os oito “programas Reação”<sup>8</sup> oferecendo além do judô, diversas oficinas complementares de educação, passeios, palestras e outras atividades culturais, atendimento fisioterapêutico, psicológico e nutricional, e até capacitação profissional para alguns alunos que passam a atuar como monitores no próprio Instituto. No entanto, a atual realidade do Reação, observada por quem visita o pólo Rocinha, é bem distinta daquela lembrada por Eduardo Soares na entrevista (anexo1):

Dentro da Comunidade da Rocinha passamos por seis diferentes espaços, incluindo a praia, onde demos aula em um período onde não tínhamos para onde ir. Hoje recebemos um espaço dentro do complexo desportivo do “PAC”<sup>9</sup> onde temos uma excelente estrutura, com *dojo*<sup>10</sup> de 300m<sup>2</sup> e salas de aula para o projeto de educação. (Resposta de Eduardo Soares – sócio-fundador do Instituto Reação e coordenador do programa Reação Escola de Judô, 09 de fevereiro 2011)

Ao discorrer sobre a relação do Instituto Reação com seus parceiros, apoiadores e patrocinadores, Eduardo Soares esclarece que o suporte ao projeto parte tanto de empresas privadas, quanto de órgãos governamentais, através de iniciativas e verbas destinadas a fins específicos. É destacada ainda a parceria com instituições de ensino privado (tanto no nível básico, quanto no superior) através do

---

<sup>8</sup> Reação Olímpico; Reação Educação; Reação Bolsa de Estudo; Reação Escola de Judô; Reação no Mercado de Trabalho; Reação Cultural; Reação Voluntário; Reação Saúde.

<sup>9</sup> Complexo Esportivo da Rocinha – obra do Governo Federal, que faz parte Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) – 2010.

<sup>10</sup> Em japonês, significa área de treinamento. É o espaço para a prática do judô, e tem o piso recoberto com tatame.

Reação Bolsa de Estudos. Estas diferentes formas de parcerias propiciam aos apoiadores vários tipos de contrapartidas, como a visibilidade (espaço para a marca nos *judoguis*<sup>11</sup> dos atletas e *banners* dentro das dependências do Reação, etc.) e resultados expressivos conquistadas pelos judocas do Reação Escola de Judô e Reação Olímpico em torneios escolares, universitários, da FJERJ<sup>12</sup>, CBJ<sup>13</sup> e FIJ<sup>14</sup>.

Em Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, ainda em 2003, o técnico de Flávio Canto e da seleção brasileira em quatro Olimpíadas, Geraldo Bernardes, fundava o pólo Cidade de Deus do Instituto. Trata-se do núcleo que atende mais alunos (cerca de 500 atualmente) do Instituto. Sediado na Academia *Body Planet*, conta com uma boa estrutura para a prática do judô e preparação física dos atletas, é o pólo referência no treinamento de alto rendimento (programa Reação Olímpico) – a parceria possibilita, inclusive, o patrocínio financeiro para alguns atletas. Em sua ainda incipiente inserção no programa Reação Educação, o pólo oferece a Oficina da Palavra<sup>15</sup> para crianças na faixa etária 8 a 12 anos.

No mesmo ano de criação da ONG (2003), no Centro Educacional Pequena Cruzada, localizado no bairro da Lagoa (Zona Sul carioca), Antônio Joaquim Soares e seu Filho Eduardo Soares, atleta de judô e amigo de Canto, atraídos pela individualidade da instituição (Pequena Cruzada) - um semi-pensionato destinado à meninas e com tradição educacional – enxergaram a possibilidade de aliar o esporte e o atrativo de formar uma equipe feminina de judô; inauguravam o terceiro núcleo do Reação. Hoje o pólo Reação Pequena Cruzada conta com aproximadamente 120 alunos, grande maioria de meninas, e oferece o judô como um acessório na educação dessas crianças.

Em 2006, segundo Sância Veloso – coordenadora do Instituto, o Reação abriu seu quarto pólo com a inauguração da unidade de Tubiacanga, na Ilha do Governador. Trata-se de uma comunidade com tradição de ocupação na atividade pesqueira, localizada junto a cabeceira da pista do Aeroporto Internacional Tom

---

<sup>11</sup>Plural da palavra japonesa *judogui*, referente ao traje para a prática do judô, conhecido no Brasil como quimono.

<sup>12</sup> Federação de judô do estado do Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Confederação Brasileira de Judô.

<sup>14</sup> Federação Internacional de Judô.

<sup>15</sup> É a mais abrangente e consolidada dentre as oficinas (oficina de tecnologia e cotidiano, de ciência arte e sustentabilidade e oficina de letramento) oferecidas pelo programa Reação Educação (setor do Instituto Reação que tem como objetivo oferecer ações de complementação na área de educação)

Jobim (Galeão). Em um galpão montado em parceria com a INFRAERO<sup>16</sup>, dentro da comunidade e com cerca de 300m<sup>2</sup>, são atendidas aproximadamente 150 crianças para praticar o judô e oficina da palavra (para crianças de 8 – 12 anos).

A organização do Instituto Reação se deu em um contexto de ruptura de uma política pública municipal de incentivo à prática pedagógica do esporte. A iniciativa implantada por professores de modalidades esportivas de luta, preocupados em levar o esporte a espaços da cidade historicamente pouco contemplados por serviços públicos, encontrou na descontinuidade das políticas de Governo o fim de seu principal apoio financeiro, o que acarretaria na impossibilidade da permanência do projeto Educação Criança Futuro.

A persistência dos idealizadores do Reação possibilita um discurso orgulhoso e tranquilo dos fundadores e dos demais integrantes da equipe de trabalho do Instituto<sup>17</sup> a respeito do estágio em que a ONG se encontra hoje. As grandes dificuldades e limitações marcantes no início da história do Reação passam a ser substituídas por desafios de planejamento e articulação para consolidar e expandir a abrangência de suas ações, preocupações comuns à um projeto de sucesso. Outrora escasso, o interesse de empresas privadas em associar suas marcas ao projeto é crescente e evidenciado pela extensa lista de logotipos que colorem a página do Instituto Reação na internet e “decoram” as novas instalações do pólo Rocinha com grandes painéis.

A retomada da relação do Instituto com o poder público também já alcança um patamar impensável à época da fase de implantação. A referida nova estrutura do Reação Rocinha, localizado no Complexo Esportivo da Rocinha Complexo Esportivo da Rocinha – um dos projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal para esta favela - é resultado da conjuntura política de articulação entre o poder executivo nas três esferas federativas. Esta rara situação na história do estado do Rio de Janeiro, pode ser ilustrada pela presença do (então) Presidente Lula, Governador Sergio Cabral e o Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, além

---

<sup>16</sup> Sigla para Empresa Brasileira de **Infra-Estrutura Aeroportuária**.

<sup>17</sup> Diretor-Presidente (Flávio Canto); diretores; responsáveis pela comunicação e eventos; coordenadores dos programas (Reação Olímpico, Reação Escola de Judô, Reação Educação e Reação Bolsa de Estudos, Educação Infantil e programa Reação Voluntário), coordenadora executiva; administração; assistente social; secretárias (cada pólo tem a sua); professores das oficinas oferecidas pelo programa Reação Educação (chamados de educadores sociais); professores e monitores de judô, além de voluntários que colaboram em diversas funções (professor de judô, fisioterapeuta, web, educação infantil e fotógrafo).

da então ministra chefe da Casa Civil, e atual Presidente da República, Dilma Rousseff, na inauguração da nova sede do pólo, em março de 2010 (Figura 5).

**Figura 5 - Presenças ilustres na inauguração da nova sede do pólo Rocinha do Instituto Reação, em março de 2010.**



Fonte: <http://www.rocinha.org>  
foto: Carlos Magno

A presença do Ministério dos Esportes e da Secretaria de Esporte e Lazer do estado do Rio de Janeiro na lista dos patrocinadores do Instituto (que pode ser acessada na página virtual do Reação), e a parceria existente entre a ONG e o Ministério da Justiça para algumas oficinas do Programa Reação Educação são outros indicadores do poder público como importante peça na atual condição do Instituto Reação.

Sachs (1993, 2002)<sup>18</sup> propõe considerar diversos tipos de sustentabilidades. Esta ideia é apresentada a partir de diferentes aspectos da sustentabilidade (1993), com destaque para as dimensões social, econômica, ecológica e espacial. O autor aprofunda a discussão ao definir os critérios de sustentabilidade (2002), enfatizando algumas das dimensões já propostas e incorporando novas contribuições. A sustentabilidade social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, e ainda, a sustentabilidade política nacional e internacional, serão entendidas fundamentalmente como dimensões espaciais das sustentabilidades, em (RUA *et al*, 2007), por apresentarem padrões específicos de desenvolvimento e sustentabilidade em cada sociedade, inserida em seu “espaço feito território”.

---

<sup>18</sup> SACHS, Ignacy. *Estratégias de transição para o século XXI, desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel/Fundap, 1993. STROH, Paula Iony (Org.); SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

Utilizamos este embasamento teórico acerca da ideia de sustentabilidades para tratar da questão central do presente capítulo e, conseqüentemente, de que maneira esta questão é observada no caso do Instituto Reação.

As potencialidades do esporte como estratégia de educação se estabelecem em uma dinâmica espacial, sendo pensadas e planejadas (concebido), questionadas, propostas, vivenciadas (vivido) de formas particulares por diferentes grupos sociais em cada parcela do espaço. A maneira de articular o esporte com realidade espacial de seus participantes/alunos, dada em cada ambiente de iniciativa agregadora de esporte-educação, se apresenta como fundamental especificidade na construção das potencialidades.

A existência dos oito programas<sup>19</sup> do Instituto Reação já sugere a ideia de que a transformação socioespacial, por mais reduzida que possa ser a escala, não atinge suas potencialidades se considerada apenas uma dimensão da proposta. Levando em conta o valor do viés esportivo (seja competitivo e/ou pedagógico), das ações de educação (oficinas e programas de bolsa de estudos), dos aspectos relativos à cultura, saúde e emprego, o desafio passa a ser como integrar da melhor forma essas partes reconhecidamente importantes.

Se tomarmos o programa Reação Educação e sua atual configuração de oficinas no pólo Rocinha, podemos encontrar na definição de uma temática a ser trabalhado pelo conjunto de oficinas ao longo de um ano, um eixo articulador entre as competências específicas trabalhadas simultaneamente em cada uma destas. De acordo com a coordenadora do programa, Sância Veloso, este é o segundo ano que a temática trabalhada, nas oficinas frequentadas por todos os alunos na faixa etária de 8 a 15 do pólo Rocinha (Oficina da Palavra, Oficina de Tecnologia e Cotidiano e Oficina de Ciência, Artes e Sustentabilidade), é a sustentabilidade. No desenvolvimento desta temática, proposta inclusive pela parceria do Ministério da Justiça com o Reação Educação, observamos que há uma preocupação com a dimensão ecológica da sustentabilidade, no entanto, os professores das oficinas e coordenação do programa realizam um importante esforço de trazer o debate do poder de transformação e impacto da sociedade em sua relação com a chamada natureza, agregando uma proposta de consciência socioambiental.

---

<sup>19</sup> Reação Olímpico; Reação Educação; Reação Bolsa de Estudo; Reação Escola de Judô; Reação no Mercado de Trabalho; Reação Cultural; Reação Voluntário; Reação Saúde.

Ainda tendo como suporte o debate das sustentabilidades e seguindo o relato de experiência da coordenadora, o esporte – principal atrativo e mais antiga atividade do Instituto – interage com a proposta educacional. Os valores trabalhados pelo judô são o ponto de articulação dos programas esportivos e educativos da ONG. Ao passo que o Reação Educação se utiliza dos valores chaves judô, aplicando-os por faixa etária<sup>20</sup>, para potencializar suas atividades complementares de educação; o Reação Escola de Judô, solicita, como uma das etapas dos exames de graduação, um trabalho fundado nos valores humanos atribuídos a cada *kyu*<sup>21</sup> a ser desenvolvido nas oficinas de educação.

A partir sustentabilidades e dos nexos estabelecidos entre esta ideia e exemplos relatados na entrevista, se faz ainda pertinente a utilização desta base teórica para analisar a dinâmica de formação-multiplicação observada nos casos de alunos do Instituto. Os alunos participantes dos programas Reação Bolsa de Estudos e Reação no Mercado de Trabalho têm a oportunidade de acessar uma universidade, se qualificar e se capacitar profissionalmente, voltando ao projeto como monitor para contribuir com a formação dos alunos mais novos. Em escala diferente, o aluno participante dos programas Reação Escola de Judô e Reação Educação, ao construírem conhecimento frequentando as oficinas e as aulas de judô, adquirem um potencial multiplicador destes aprendizados. Está dinâmica nos permite associá-la à sustentabilidade, não só, do Instituto Reação, como também do próprio aluno em sua relação com seu espaço.

Ao histórico do Instituto Reação, seus programas, alunos e equipe de trabalho; soma-se a participação da iniciativa privada e do poder público (muitas vezes atuando conjuntamente) nas atividades da ONG. Diante da conjuntura política atual observada no município do Rio de Janeiro, não podemos ignorar, ou subvalorizar, o contexto da cidade como sede dos próximos megaeventos esportivos de maior impacto internacional – Copa do Mundo de Futebol de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. Perguntado sobre a possível influência dos megaeventos esportivos, que o

---

<sup>20</sup> De 4-7 anos - “aprender a ‘cair e levantar’”; 8-12 anos – coragem; 13-15 anos – determinação e maiores de 15 anos – equilíbrio.

<sup>21</sup> Termo em japonês utilizado para definir os níveis de graduação das artes marciais. No judô, os *kyus*, escalonados por números ordinais decrescentes conforme se avança na graduação. Exemplo: no Brasil são adotados 8 *kyus*, sendo a faixa branca referente ao 8º e a marrom ao 1º (a partir da obtenção da faixa preta, a contagem é feita em *dan*, desta vez em ordem crescente).

Rio sediará, no desenvolvimento do Reação, Eduardo Soares apresenta suas perspectivas para o futuro do Instituto e seu entendimento sobre esta ligação:

Nosso objetivo é atender cada vez mais crianças e jovens, com o intuito de promover “desenvolvimento humano através do esporte e educação”. Para isso precisamos de interesse dos familiares e alunos em participar do projeto e também de apoio de empresas para viabilizar nosso projeto. Com a vinda de “mega-eventos” as atenções são voltadas para o esporte, que é o nosso atrativo principal. (Resposta de Eduardo Soares - – sócio-fundador do Instituto Reação e coordenador do programa Reação Escola de Judô, 09 de fevereiro 2011

Sendo assim, as propostas frequentemente declaradas pelo Prefeito da Cidade – Eduardo Paes, seus secretários de pastas envolvidas na viabilização dos eventos, e pelos “porta vozes” do IAB – RJ, de que o principal legado dos megaeventos para o Rio seria um legado imaterial, um “plano de comunicação” da cidade, parecem cada vez mais verdadeiras. Diante disto, observa-se uma possibilidade real de restringir o “legado esportivo” à imagem - de um moderno centro esportivo comunitário e/ou de um possível campeão olímpico no alto do pódio - em detrimento de um investimento em longo prazo no esporte como lazer, prática de sociabilização e estratégia educacional de maior abrangência para sociedade carioca.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, observamos, analisamos e refletimos o papel do esporte nas sociedades, a partir do seu reatamento e reflexo nos espaços. A relação aqui defendida como “de influência mútua” entre esporte e espaço se desenvolve num processo gradual de aproximação e engendramento, influenciado por transformações nas mais diversas esferas e escalas da construção e (re)produção espacial. Desta forma, o adensamento dos aglomerados urbanos marcantes a partir da segunda metade do século XX conectados e interligados por meio de redes nas décadas mais recentes, as inovações tecnológicas chegando às grandes massas e viabilizando maior fluxo de produtos, imagens e ideias em tempo quase que instantâneo, além da crescente preocupação ambiental, com a saúde e hábitos saudáveis, criam uma conjuntura específica e muito propícia para o agigantamento do esporte, com seu mercado próprio, eventos globais e ideologia arrebatadora.

Multidimensional em sua natureza, o esporte cultiva desde sua origem, valores marcantes da chamada sociedade moderna capitalista. Os títulos de prática socializadora, promotor da saúde física e mental, valoroso incentivador da disciplina, da superação e persistência, além de atividade prazerosa para ocupar o tempo livre e servir de lazer para indivíduos de todas as idades, etnias, biótipos e condições sociais são apenas alguns dos rótulos (geralmente positivos) comumente aplicados ao esporte. Se por um lado, o esporte atual resguarda boa parte destes valores e significados, por outro são agregados uma imensidade de novos usos e simbolismos.

O contexto tratado como “competição urbana” se faz eficiente a partir da ideia de empresariamento da cidade, quando o *city marketing* torna-se elemento indispensável nas acirradas disputas por vantagens comparativas diante desta *guerra dos lugares*. Perante esta conjuntura, os valores do esporte são exportados e adaptados oportunamente para o planejamento e gestão de espaços urbanos por todo o mundo, é daí que vemos as típicas listas de qualidades das cidades aplicadas em discursos de prefeitos, grandes empresários e outros interlocutores poderosos: uma cidade vigorosa, dinâmica, jovem, competitiva, mas inovadora, amigável, adequada e preparada para receber a todos, provendo bem estar e qualidade de vida, sem perder performance, estas que cada vez são melhores, mais eficientes e

realizadas em tempo recorde. Esse discurso “plagiado” do esporte, ironicamente se intensifica na premência da realização das maiores competições esportivas do planeta (elevadas à condição de megaeventos) e mais do que nunca, não por acaso, ecoa pelas ruas do Rio de Janeiro na segunda década do século XXI.

A eterna candidatura carioca ao posto de Cidade Global, capaz de potencializar ao máximo sua condição acolhedora de turistas, atrair estimados investimentos na área de serviços, ciência e tecnologia, além de irradiar para o mundo sua cultura e estilo de vida... agora é enxergada por muitos como possibilidade iminente. Nesse sentido, acreditamos que o Rio de Janeiro tenha alguma chance. O reconhecimento internacional parece bastante possível e as belezas paisagísticas combinadas à riqueza cultural da cidade possuem capacidade catalizadora desde processo de internacionalização de uma boa imagem do Rio para o mundo. Nesta lógica, os esforços são os maiores possíveis e o engajamento do poder executivo estadual e municipal do Rio de Janeiro, somados aos crescentes investimentos públicos e privados (nacional e internacional) em atividades e áreas estrategicamente eleitas na cidade fazem do Rio de Janeiro, inquestionavelmente, um poderoso concorrente emergente nas competições entre cidades nos próximos anos.

No entanto, resta saber se é esta eficiência como *cidade empresa*<sup>22</sup> que estamos buscando. O debate sobre *legado*, importante para definir as vantagens que a realização de um megaevento pode (ou não) gerar para uma cidade, é aqui defendido como uma questão pertinente à ideia de *legado espacial*, já que o termo *legado* além de se mostrar vago, é convenientemente usado por discursos de todo o tipo e, por vezes, acaba por legitimar intervenções desnecessárias e de restrita escala geográfica para a população geral, sob o argumento do interesse público. Portanto, ao utilizarmos a ideia de *legado espacial* construímos um nexo entre *potencialidades* e *sustentabilidades* espaciais, fortemente defendidas neste trabalho. O legado real deve levar em conta potencialidades caras a cada espaço, sem deixar de pensar nas sustentabilidades do conjunto de ações despendidas para realização de certo evento. O debate sobre *legado espacial* torna menos distante as ideias de um legado urbanístico, ambiental, econômico e social, mas, sobretudo, valoriza as

---

<sup>22</sup> Conceituação feita por Carlos Bernardo Vainer – Professor Titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) no artigo “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano.” contido no livro *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, de 2000.

heranças duradouras (aquilo que fica) e realmente condizentes com as demandas mais urgentes da cidade, por meio da preocupação com a qualidade de vida seus cidadãos cotidianos.

Por fim, o legado que se encaminha para as próximas décadas e futuras gerações, conforme acompanhamos nos noticiários e discursos oficiais, parece limitado à construção de uma imagem atrativa da cidade para os demais países. Este “legado” que prioriza a veiculação de um ideário positivo do Rio, proposto como um “plano de comunicação” da cidade aparece quase sempre vinculado a ideias associadas ao esporte como: qualidade de vida; saúde; solidariedade, dinamismo, competência e competitividade; contraditoriamente, afasta as potencialidades de legados mais efetivos para o esporte, para a cidadania e a educação na cidade. A respeito dos reais legados previstos para o pós Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016, baseando-se no fracasso da experiência carioca como realizadora do Pan em 2007 e nos preparativos para os próximos festejos esportivos no Brasil, o professor Carlos Vainer sintetiza: “O legado, já sabemos de antemão: uma vez mais, a socialização dos custos e a privatização dos benefícios. E cidades ainda mais desiguais e injustas.” (VAINER, 2011, p.15).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

CASTRO, Iná. O problema da escala. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto (org.). *Geografia: conceitos e temas*. (1.<sup>a</sup> ed.,1995). 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Centro Educacional Pequena Cruzada

<http://www.pequenacruzada.org.br/index.php?/home/centro-educacional/>. Acesso em: 16 jul. 2011

Complexo Esportivo da Rocinha – álbum de fotos. [ROCINHA.ORG](http://www.rocinha.org)

<http://www.flickr.com/photos/frenetico/sets/72157623826388926/>. Acesso em: 17 jul. 2011

*De casa nova, projeto social tem a chance de transformar mais vidas através do judô*

<http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Lutas/0,,MUL1549542-16314,00.html>. Acesso em: 17 jul. 2011

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

GILLON, Pascal; GROSJEAN, Frédéric; RAVENEL, Loïc. *Atlas du sport mondial. business et spectacle: l'idéal sportif en jeu*. Paris: Autrement, coll. Atlas Mégapole, 2010a.

\_\_\_\_\_ ; RAVENEL, Loïc. Devenir une ville olympique : un choix géopolitique ?. In *anais da Conferencia Internacional Megaeventos e Cidades*. Rio de Janeiro, 2010b, CD-Rom.

HARVEY, David. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana do capitalismo tardio. In, *A produção capitalista do espaço*. (1<sup>a</sup>ed, 2005). 2<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Annablume, 2006, p. 163-190.

\_\_\_\_\_. Espaços de Esperança. São Paulo: Loyola, 2004.

INSTITUTO REAÇÃO

<http://www.institutoreacao.org.br/reacaobr.html>. Acesso em: 15 jul. 2011

*Instituto Reação estreia nova sede do Polo Rocinha com presenças ilustres*

<http://www.rocinha.org/esportes/view.asp?id=1177>. Acesso em: 17 jul. 2011

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco ; SÁNCHEZ, Fernanda (Org.) . O Jogo Continua: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EDUERJ e FAPERJ, 2011.

\_\_\_\_\_. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: PRIORE, Mary; MELO, Victor. (Org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. 1ed. São Paulo: UNESP, 2009, v.1, p. 505-533.

\_\_\_\_\_ . ; PONTES, J.; NEVES, J. C. Q.; BRAZ, L.. S; SIMEONE, L. M.. Pequim 2008: Uma primeira avaliação sobre o território, cidadania e legados. *Lecturas Educación Física y Deportes* (Buenos Aires), v. 124, p. 1, 2008.

\_\_\_\_\_. Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-Americanos-2007. Scripta Nova (Barcelona), v. Xi, p. 1-13, 2007.

MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORE, Mary. (Org.). História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. 1a. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

MURAD, Maurício. Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

*Ratos, rachaduras e infiltrações no Centro Esportivo da Rocinha*

<http://www.rocinha.org/noticias/rocinha/view.asp?id=1489>. Acesso em: 17 jul. 2011  
*Reação tem a chance de transformar mais vidas através do judô.*

<http://www.rocinha.org/noticias/rocinha/view.asp?id=1410>. Acesso em: 17 jul. 2011.

RJTV 2ª Edição. Copa do Mundo de 1950 deixou legado para o Rio. *Rede Globo*, Rio de Janeiro, 26 jul.2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/videos/rio-de-janeiro/v/copa-do-mundo-de-1950-deixou-legado-para-o-rio/1576871/#/RJTV2/20110726/page/1>. Acesso em: 28 jul.2011.

RUA, João; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de; FERREIRA, Alvaro. Paisagem, espaço e sustentabilidades: uma perspectiva multidimensional da Geografia. In: RUA, João (Org.). *Paisagem, espaço e sustentabilidades: uma perspectiva multidimensional da Geografia*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2007, p. 7-32.

SÁNCHEZ, Fernanda. Jogos Panamericanos Rio 2007, um balanço multi-dimensional. Painel: Grandes projetos urbanos, elementos da experiência argentino-brasileira. In: LASA 2009, Rethinking Inequalities: XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association, 2009, Rio de Janeiro.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. (1.ª ed.,1996). 4.ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004a.

\_\_\_\_\_. O presente como Espaço. In: *Pensamento o Espaço do Homem*. (1.ª ed, 1982). 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004b.

SHIGUNOV, Viktor *et al.* O esporte como papel de uma reunião social. RECE. Revista Eletrônica de Ciência da Educação, Campo Largo-PR, v. 1, n. 1, 2002.

VAINER, Carlos. Prefácio. IN MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (Org.). O Jogo Continua: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EDUERJ e FAPERJ, 2011, p. 9-15.

\_\_\_\_\_. Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro. In *Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR. Quem planeja o território? Atores, arenas e estratégias*. Rio de Janeiro, 2011b, CD-Rom.

\_\_\_\_\_. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Calos. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.